

Prefácio

Trinta anos atrás, como correspondente do *Los Angeles Times*, uma missão me levou ao santuário interno do Politburo, o centro sombriamente misterioso e todo-poderoso da União Soviética, quando seu líder, Mikhail Gorbachev, iniciava seu ambicioso esforço por abertura e mudança. Sua *perestroika*, ou reestruturação do governo soviético, encerraria de forma inevitável, ainda que inadvertida, a brutal experiência comunista, moldando um intrépido novo mundo de etnicidades, culturas e religiões díspares que abarca um sexto da extensão territorial do planeta.

Minha entrevista era com Alexander Yakovlev, chefe do Departamento de Propaganda, membro mais liberal do Politburo e aliado íntimo de Gorbachev, embora mais tarde, no fim do corredor, eu fosse bater na porta de Yegor Ligatchev, homem apontado como o número 2 de Gorbachev, descrito, muitas vezes, como o adversário mais ferrenho da *perestroika*. Não me encontrei com Boris Yeltsin, figura menos nítida, que, quatro anos depois, se tornaria o primeiro presidente da Rússia, após o colapso da União Soviética. Yeltsin viria a convidar Vladimir Putin, ex-tenente-coronel da KGB, para participar do seu governo, e em 31 de dezembro de 1999, quando Yeltsin renunciou, nomeou Putin presidente interino. No ano seguinte, Putin seria eleito para o cargo, derrotando por ampla margem o candidato do Partido Comunista.

Numa série histórica e muito importante de entrevistas que o cineasta Oliver Stone realizou com Putin, que compõem este livro e um documentário de quatro partes da rede de TV Showtime, Putin afirma que acreditou que, com o colapso da União Soviética, a Guerra Fria chegara ao fim, e, como resultado, as intermináveis ameaças de confronto. Mas isso não aconteceu.

Embora Putin descarte o comunismo como ideologia e, de fato, abrace as tradições da Igreja Ortodoxa Russa, ele permanece um nacionalista fervoroso, com a determinação de que, para a Rússia, seja concedido o respeito que ele acredita firmemente que o país merece. Isso significa deferência tanto pelas considerações históricas sobre suas fronteiras quanto ao tratamento da população de língua russa, que, com o colapso da União Soviética, viu-se empurrada para fora das fronteiras recém-traçadas, com a Ucrânia sendo o exemplo principal.

Em sua discussão com Stone, Putin atribui a Gorbachev o reconhecimento de que uma mudança profunda era necessária no deficiente sistema soviético, mas ele o critica por sua ingenuidade, com respeito aos imensos obstáculos contra essa mudança, tanto no país como, ainda mais importante, nos Estados Unidos. Putin desdenha da crença de Gorbachev de que a razão triunfaria, uma vez que ambos os lados da Guerra Fria — cada um possuidor da capacidade de destruir toda a vida neste planeta — desejavam a paz.

Nas entrevistas, a pergunta central é como as questões involuíram para o atual estado de tensão. Dessa maneira, elas são instigantes, como texto fundamental para o entendimento desta nossa perigosa época. As conversas intermitentes entre 2 de julho de 2015 e 10 de fevereiro de 2017 ocorreram durante um período em que as relações entre as duas potências militares mais temíveis do mundo degeneraram a um ponto de desconfiança e hostilidade não testemunhado desde o fim da Guerra Fria, há mais de um quarto de século. E como Stone lembra em diversos diálogos incisivos, a tendência do poder de corromper governantes em nome de um falso pa-

triotismo deve ser motivo de preocupação em qualquer país, com a Rússia, indubitavelmente, incluída.

A discussão é respeitosa, e, como Stone afirma na conclusão, oferece a Putin a oportunidade de “expor seu lado da história”. No entanto, essa é uma história que o jornalista e diretor de cinema questiona de modo enérgico, levando em consideração a contínua controvérsia a respeito do papel da Rússia no mundo, abrangendo desde seu apoio ao regime de Assad, na Síria, até as acusações de interferência na eleição presidencial norte-americana, em 2016. Stone sabe muito a respeito de guerras inúteis e das mentiras contadas sobre elas, uma vez que serviu em duas missões de combate no Vietnã, história que ele documentou em seu filme *Platoon*, vencedor do Oscar em diversas categorias, e em *Nascido em 4 de julho* e *Entre o Céu e a Terra*, seus dois outros filmes de sua brilhante trilogia a respeito do Vietnã. De maneira convincente, em 2012, ele investigou o assunto no documentário *A história não contada dos Estados Unidos*, história revisionista, em dez partes, para a Showtime, e em seu livro concomitante de 750 páginas, que desafiam a narrativa convencional da Guerra Fria, proporcionando um pano de fundo essencial para este atual trabalho.

Putin não está menos familiarizado com o assunto, sendo que chegou ao poder na Rússia sobre as cinzas de uma União Soviética que, apesar de sobreviver aos imensos horrores da invasão alemã e a 50 milhões de mortos, esfacelou-se na sequência de uma invasão inútil do Afeganistão. Ele comanda uma sociedade que mantém enorme poder militar, mas é muito menos bem-sucedida em suas realizações econômicas pacíficas.

Putin e Stone compartilham a convicção de que o húbri militarista é fatal, e ambos demonstram cautela em relação às ideologias em suas respectivas sociedades, que historicamente apoiaram o imperialismo. Contudo, esta não é uma conversa entre iguais, pois Stone é, em grande medida, o artista questionador, ávido em perseguir contradições e excentricidades de pensamento, enquanto Putin deixa muito claro que, tão cauteloso quanto parece, está bastante consciente de sua posição como comandante em chefe da segunda potência militar mais impressionante do mundo e de que suas palavras têm consequências muito além dos requisitos de uma produção

cinematográfica interessante. Porém, há claramente um respeito mútuo, embora desconfiado, entre os dois, que tende a resultar em um vislumbre franco das mentes dos poderosos, tanto do governante como do artista.

Para Stone, a produção cinematográfica propicia uma saída natural para seu desprezo acerca da percepção geral existente no *establishment* de política exterior de seu país. Para Putin, a missão é mais complicada, uma vez que ele é o líder de um país em profunda transição da ideologia comunista soviética para uma nova identidade russa, que tenta unir “mil anos” de história russa, abarcando eras desde os czares até os poderosos oligarcas, a versão russa dos capitalistas de compadrio norte-americano.

Putin emerge aqui como profeta de um nacionalismo russo ferido, que, embora capaz de representar uma poderosa ameaça, não deve ser confundido com a ideologia comunista que precedeu sua ascensão ao poder e que ele percebe, claramente, com considerável aversão. Essa tensão propicia o *Leitmotiv* desse raro vislumbre do funcionamento da mente de Putin e, em um sentido mais amplo, do dilema do lugar da Rússia em um mundo em constante mudança. A entrevista começa em um momento em que poucos esperavam a vitória nos Estados Unidos de um candidato populista de direita, que derrotou uma dúzia de líderes do *establishment* do Partido Republicano nas eleições primárias e, na sequência, derrotou a candidata ungida pela liderança do Partido Democrata. No término da transcrição, menos de um mês depois da posse de Donald Trump como presidente, a longa entrevista chegou a um fim que é tanto esclarecedor como deprimente.

Nessa última sessão, Stone pressiona Putin sem cessar a concluir a entrevista de uma maneira que documentaristas intelectualmente agressivos acreditam que responderão a algumas perguntas sem resposta. Isso inclui aspectos polêmicos dos 18 anos de Putin como chefe do maior país do mundo em extensão territorial. Putin é viciado em poder? Ele se vê como agente indispensável da história russa? O poder largamente incontestado que ele detém corrompeu sua visão? Não é a primeira vez que tais questões foram levantadas, mas, enquanto a sondagem anterior de Stone pareceu

acolhida positivamente por Putin, há agora um cansaço que, o líder russo deixa claro, é gerado não tanto por supor que suas ideias não são atraentes para a opinião pública do Ocidente, mas sim que, simplesmente, elas não serão ouvidas.

Agora encarando seu quarto presidente norte-americano — de cuja ajuda para se eleger ele é, por ironia, amplamente acusado (o que ele nega) —, Putin parece cansado devido ao esforço de abrir caminho por meio de qualquer liderança norte-americana. Ele afirma que essa liderança — e, mais importante: a burocracia que a informa — inevitavelmente, vê a Rússia não como uma parceira, palavra que ele usa com frequência para se referir aos Estados Unidos, embora com uma pitada de sarcasmo, mas como um conveniente bode expiatório para seus próprios fracassos.

Na conclusão da terceira entrevista, Putin pergunta a Stone se ele já apanhou. “Ah, sim, muitas vezes”, Stone assegura. Referindo-se ao lançamento previsto do documentário, Putin afirma: “Então, não será nada novo, porque você vai sofrer por aquilo que está prestes a fazer.”

É uma profecia dolorosa, mas talvez correta, dado o clima atual de ampla condenação das alegações não comprovadas de interferência russa na eleição norte-americana. Stone responde: “Eu sei, mas vale a pena... tentar trazer mais paz e consciência ao mundo.”

— Robert Scheer